



Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na segunda-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na segunda-feira	Últimos	Comercial, venda na segunda-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,41% São Paulo	139.255 17/6 18/6 20/6 23/6	R\$ 5,503 (-0,39%)	R\$ 1.518	R\$ 6,371	14,90%	14,91%	Janeiro/2025 0,16 Fevereiro/2025 1,31 Março/2025 0,56 Abril/2025 0,43 Maio/2025 0,26
0,89% Nova York		16/junho 5,486 17/junho 5,496 18/junho 5,500 20/junho 5,524					

CONFLITO NO ORIENTE

Expectativa sobre Estreito de Ormuz

Ontem, o preço do petróleo chegou a subir. Mas perdeu força à tarde. O barril do tipo Brent encerrou cotado a US\$ 71,48

» RAPHAEL PATI
» RAFAELA GONÇALVES

Em um cenário de incertezas e volatilidade no mercado financeiro, as cotações do barril de petróleo surpreenderam os investidores no pregão de ontem, apenas dois dias após o ataque do Exército dos Estados Unidos a bases nucleares no Irã.

Mesmo com o receio de alta, as duas principais referências internacionais acumularam perdas acima de 7% ao longo do dia, com o mercado acreditando em um possível recuo da república islâmica de bloquear o Estreito de Ormuz, por onde atravessam de 20% a 30% de todo o petróleo no mundo. O barril do tipo Brent com vencimento em agosto encerrou o dia em queda de 7,18%, cotado a US\$ 71,48. Já os contratos de julho do West Texas Intermediate (WTI) fecharam em baixa de 7,22%, a US\$ 68,51.

Para o analista da Levante Investimentos Flávio Conde, a queda inesperada do petróleo, que se acentuou no período da tarde, se deve à crença ou expectativa do mercado de que o Irã não concretize um bloqueio ao Estreito de Ormuz, o que poderia interromper a exportação de petróleo para regiões importantes, como China e Japão, além de, provavelmente, provocar uma escalada de preços no mundo inteiro. “Eu acho essa reação um pouco exagerada e otimista demais, eu temo que eles venham a realmente fechar o Estreito de Ormuz nos próximos dias”, destaca o especialista.

Já a estrategista-chefe da Nomad, Paula Zogbi, acredita que a mudança repentina nos preços do petróleo sinaliza uma reavaliação do mercado. “Isso indica que a retaliação iraniana aos ataques no final de semana, que incluiu um ataque de mísseis a uma base militar dos EUA no Catar que correspondeu ao número de bombas lançadas pelos EUA, não visava diretamente à infraestrutura de petróleo, diminuindo o temor de uma disrupção severa e sustentada no fluxo global de energia”, pontua.

Na mesma direção do barril de petróleo, o dólar também se desvalorizou ante o real nesta segunda-feira, com a cotação comercial encerrando em baixa de 0,39%, cotado a R\$ 5,50. Enquanto isso, o índice DXY, que mede a força da moeda norte-americana ante as principais divisas do mundo, fechou o dia em queda de 0,33%.

O mercado financeiro encerrou as operações antes de Donald Trump, presidente dos EUA, anunciar de maneira extraoficial, via redes sociais, que conseguiu um acordo de cessar-fogo entre Israel e Irã. Mais tarde, a informação foi confirmada pelos dois países. Os índices norte-americanos subiram ontem, com Dow Jones fechando em alta de 0,89%, enquanto que Nasdaq e Standard & Poor's (S&P) 500 tiveram ganhos de 0,94% e 0,96%, respectivamente.

O Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa/B3) fechou o dia em queda de 0,41%, aos 136.550 pontos, com as ações da Petrobras puxando o índice geral para baixo, em meio à desvalorização do petróleo no mercado internacional. Os papéis ordinários (PETR3)

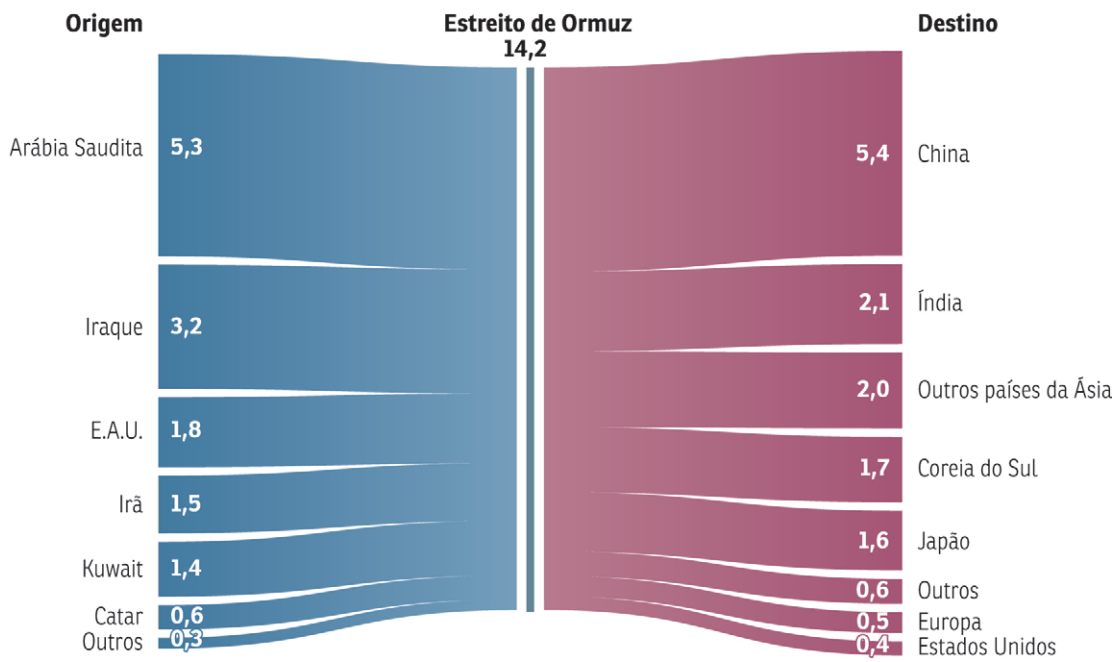


Para especialistas, a queda no preço da commodity se deve ao fato de o mercado acreditar que o Irã não vai bloquear o Estreito de Ormuz

Fluxo de petróleo pelo Estreito de Ormuz

Cerca de 20% da produção mundial de petróleo passa por essa estratégica passagem marítima

Petróleo bruto e condensado*, em milhões de barris diários no primeiro trimestre de 2025



Fonte: Administração de Informação Energética dos EUA *excluídos os produtos petrolíferos



desabaram 2,81%, enquanto que os preferenciais tiveram um resultado negativo de 2,49%.

Reações

Com a possibilidade de um bloqueio em Ormuz ainda não descartada, o setor produtivo ainda demonstra preocupação com a instabilidade. A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) publicou, ontem, uma nota em que alerta para riscos de encarecimento dos preços do petróleo no mercado internacional, com a escalada das tensões no Oriente Médio. Segundo a

entidade, a elevação dos custos de produção pode desencadear em impactos para derivados e outras indústrias a curto prazo.

“Estamos preocupados pelo preço do petróleo e, também, pelos impactos que o fechamento do Estreito de Ormuz pode ter em outras cadeias de produção”, destaca Karine Frago, gerente geral de Petróleo, Gás, Energias e Naval da Firjan. Já a Federação Única dos Petroleiros (FUP) se manifestou favorável à ampliação de investimentos em refino no Brasil. Mesmo sendo o oitavo maior produtor de petróleo bruto, o país ainda precisa importar cerca de 10%

da gasolina e até 25% do diesel para que consome internamente, como destaca a entidade sindical.

“Essa dependência reflete a necessidade urgente de ampliação da capacidade de refino do país, por meio do aumento de investimentos e retomada das refinarias privatizadas no governo passado, que foram desviadas de suas funções essenciais de produzir derivados de petróleo para o abastecimento doméstico”, sustenta, em nota, a FUP.

Para o analista de Comércio Internacional da BMJ Consultores Associados, Josemar Franco, um eventual bloqueio do Estreito de Ormuz pode ser um “tiro no pé”

da economia iraniana. “O mercado, por vezes, reage de uma forma muito drástica, mas ele tem acompanhado justamente esses desdobramentos de pressões internacionais para que o Irã não sufoque ainda mais a economia doméstica, dando um tiro no pé com o fechamento do estreito de Ormuz, que é a sua principal fonte de entradas de divisas internacionais”, avalia.

Expectativas

O receio observado no setor produtivo ainda não se reflete nas projeções dos economistas do mercado financeiro ouvidos pelo Banco Central. Eles voltaram a reduzir as projeções para a inflação neste ano pela quarta semana consecutiva. Segundo os dados do mais recente Boletim Focus, divulgados ontem pelo Banco Central (BC), a estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 2025 caiu de 5,25% para 5,24%. A pesquisa foi feita ao longo da semana passada, antes do ataque dos Estados Unidos, mas já na iminência de escalada do conflito.

A meta de inflação perseguida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) é de 3% em 2025. A margem de tolerância para que ela seja considerada cumprida é de 1,5 ponto percentual para baixo ou para cima.

Embora os números do Focus indiquem uma leve melhora, o mercado ainda vê dificuldade para trazer a inflação para o centro da meta. “A leve queda na inflação esperada para 2025 não muda o fato de que seguimos com um IPCA bem acima do centro da meta, o que mantém os juros em patamar elevado. Isso pressiona o capital de giro das empresas e adia muitos planos de expansão”, apontou Jorge Kotz, CEO do Grupo X.

Fazenda vê inflação controlada

O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, afirmou ontem que o governo está acompanhando os desdobramentos econômicos provocados pela escalada dos conflitos no Oriente Médio. Ele destacou que a volatilidade global tende a impactar o preço dos alimentos e o custo logístico das cadeias, mas avaliou que a inflação brasileira não deve ter um aumento fora de controle devido ao cenário externo.

“Eu acho que, mesmo com tudo isso, a gente tem mostrado bastante resiliência no Brasil e a tendência aqui é que a gente não tenha um aumento de inflação fora de controle”, disse, em entrevista à Rádio CBN.

A alta dos preços do petróleo deve pressionar os custos dos combustíveis no mercado interno. Diante desse cenário, o secretário afirmou que medidas de mitigação, como a política de preços da Petrobras, são bem-vindas neste momento.

“O preço do petróleo tende a subir, apesar de a gente já ter visto nos últimos dias, nas últimas semanas, alguma compra de petróleo que pode amortecer a subida do petróleo nesta semana. Mas nós vamos acompanhar de perto. Acho que algumas mitigações, como a política de preços da Petrobras, são bem-vindas neste momento”, afirmou.

Durigan apontou, ainda, que será importante acompanhar o impacto das tensões geopolíticas na corrida pelo dólar e a desvalorização de moedas emergentes. “Há um movimento que busca a segurança no mercado, então moedas de países em desenvolvimento, como a nossa, mesmo ativos variáveis, como ativos de Bolsa, podem acabar sendo rejeitados ou vendidos neste momento, em benefício de moedas fortes, como o dólar”, destacou. (RG)

Nós vamos acompanhar de perto. Acho que algumas mitigações, como a política de preços da Petrobras, são bem-vindas neste momento"

Dario Durigan, secretário-executivo do Ministério da Fazenda